

**POTÊNCIAS POLÍTICAS DO POP:
GÊNERO E ATIVISMO NA CULTURA POP**

Christian Gonzatti (UNISINOS)

Felipe Viero Kolinski Machado Mendonça (UFOP)

Gabriela Gelain (ESPM-SP)

Suzana Mateus (UFPE)

As representações com as quais nos divertimos - através das muitas sensações mobilizadas por elas - também nos ensinam, junto com outros dispositivos pedagógicos e institucionais da sociedade, aquilo que é permitido ou não para determinados corpos. Na música pop, imaginários queer são mobilizados pela relação entre divas e fãs LGBTQs, ao mesmo tempo em que a objetificação daquilo que é da ordem do feminino, regido pela lógica do espetáculo e da mercadoria, também pode ser colocada em pauta. Celebidades são cobradas em relação aos seus posicionamentos políticos e, nesse processo, as plataformas digitais se transformam em espaços de fiscalização de suas performances para além dos palcos e das câmeras. Produções encapsuladas para os cinemas ou em forma de séries geram disputas sobre a (in)visibilidade de identidades historicamente marginalizadas - assim como nas histórias em quadrinhos de super-heroínas e super-heróis, na literatura fantástica, nos games e nas telenovelas. Fãs fabulam através das narrativas midiáticas outros gêneros, sexualidades, corpos e possibilidades para as histórias que os afetam. Protestos ao redor do mundo utilizam cartazes e máscaras de personagens icônicas para exercerem cidadanias. E esses são apenas alguns exemplos.

Quando Joan Scott (1995) nos diz que o gênero é um campo primário através do qual relações de poder são articuladas, podemos entender, em outras palavras, que todas as coisas do mundo, simbólico e físico, são atravessadas pelo gênero. O conceito “gênero”, dessa concepção, vem sendo colocado em importantes espaços de reflexão nas ciências humanas e sociais. Os estudos queer, através do debate sobre performatividade de gênero, proposta por Judith Butler (2003), aproximou gênero da sexualidade, mostrando como os desvios daquilo que foi dado culturalmente como masculino e feminino em uma lógica heterossexual geram punições e precariedades.

Estudiosas e ativistas do feminismo negro e interseccional (Angela Davis, Patricia Hill Collins, bell hooks, Grada Kilomba, Djamila Ribeiro, Carla Akotirene) têm nos mostrado como gênero é indissociável de outros marcadores, como raça e classe, e também colocado em urgência a construção de saberes decoloniais.

Uma emancipação das relações de poder que geram desigualdades e precariedades para mulheres, LGBTQs e pessoas negras perpassa, através dessas leituras, à construção de uma sociedade capaz de romper com ideais capitalistas e neoliberais. Como, então, a cultura pop, forjada por relações econômicas estadunidenses, produzida pela mutação da comunicação em marketing, voltada ao consumo e visando ao alto retorno financeiro tem acionado questões de gênero? Michel Foucault (1999) inferiu que “onde há poder, há resistência”. Assim, quando o pop é poder? E pode o pop ser resistência? Quais as limitações e potencialidades desse lugar para construções, desconstruções e tensionamentos das perspectivas de gênero? E, ainda, nesse cenário diverso, quais corpos, de fato importam?

Tendo em vista as possíveis contradições, tensões, disputas e resistências ao analisarmos gênero em intersecção com outros marcadores na cultura pop e a emergência de um campo de estudos que emerge da articulação desses campos, esse dossiê foi constituído. Foram recebidos 90 textos de todas as regiões do país, com diferentes lentes, propostas, objetivos e objetos. Uma diversidade que nos mobilizou afetuosamente na construção de um corpo de pareceristas generoso e crítico. Chegamos, dessa maneira, aos 34 artigos que compõem o dossiê. Eles estão organizados em uma ordem que corresponde aos seguintes grupos de trabalho: Problemas de Gênero – Feminilidades e Masculinidades Cis e Trans; Sexualidades; Queer; Drag; Interseccionalidades; e Estudos de Fãs e Celebidades.

Em Problemas de Gênero – Feminilidades e Masculinidades Cis e Trans estão incluídos aqueles trabalhos que, ao se voltarem às questões de gênero, problematizam aspectos concernentes às feminilidades e às masculinidades cis e trans a partir de múltiplas perspectivas e diversos objetos.

Lei e Ordem: Unidade de Vítimas Especiais e regimes de visibilidade acerca do estupro na cultura pop, artigo de Karina Gomes Barbosa, realiza uma reflexão acerca do lugar político ocupado pelo produto seriado no enquadramento do estupro a partir da

produção de regimes de visibilidade. Em *A construção das princesas Disney: uma análise das performances, narrativas e identidades femininas*, de autoria de Ana Naemi Machida e de Carlos Magno Camargos Mendonça, é realizada uma análise das construções narrativas, identitárias e performáticas de princesas dos Estúdios Disney a partir do marcador analítico de gênero interseccionado com raça e classe. Em *#MYGAMEMYNAME: Gênero, violência e resistência no discurso de mulheres gamers*, Graciele Urrutia Dias Silveira e Virgínia Barbosa Lucena Caetano, a partir de uma postagem no Facebook, vinculada à campanha #MyGameMyName, objetivam compreender como se dá o processo de subjetivação de mulheres gamers. *Heróis sem capa, Vilões sem máscara: o discurso de ódio representado na série Supergirl*, texto de Júlia Cavalcanti Versiani dos Anjos, analisa como a série trata a questão do discurso de ódio, por meio de uma análise do discurso de inspiração foucaultiana, que compreende enunciados como raridades. Beatriz Medeiros, em *Ativismo feminista digital: redes femininas e a tentativa da diminuição do gap de gêneros a partir dos coletivos de música*, apresenta a análise de três páginas de coletivos de música que têm como objetivo endossar a participação feminina na indústria fonográfica: *Girls I Rate*, *MUSAP* e *Women Walk Together*. Em “Porque se eu não puder descer até o chão, nem de longe é minha revolução”: o movimento funk como acionador do reconhecimento identitário de mulheres, Letícia Franciele Rossa e Letícia Morgenstern de Lima, a partir da Análise de Discurso francesa, voltam-se ao webdocumentário *Funk de Mina*, percebendo o funk como um agente que pode impulsionar rupturas nas identidades femininas. *Fabricando romance: o arquétipo feminino em comédias românticas*, texto de autoria de Isabella Ricchiero Stefanini, Pedro Maciel Guimarães e Natália do Amaral Griguol, analisa a figura feminina em filmes de comédia romântica percorrendo os diferentes ciclos desse gênero cinematográfico e suas especificidades culturais e históricas. Natalia Engler Prudencio, em *Empoderamento e biopolítica nos feminismos midiáticos de Mulher-Maravilha e Capitã Marvel*, examina esses dois filmes, os quais se inserem naquilo que a autora chama de feminismos midiáticos, a fim de caracterizar as especificidades desse fenômeno. Em *Visibilidades e Heterotopias no universo cinematográfico da Marvel: leituras feministas decoloniais* Letícia Moreira de Oliveira investiga os atravessamentos da noção de colonialidade de gênero nas diegeses de

Pantera Negra (2018) e Capitã Marvel (2019), partindo do conceito de “heterotopias” e de “heterotopias feministas”.

Perspectivas políticas da rede de música pop periférica brasileira e feats internacionais da Kondzilla, texto de Gabriel Albuquerque e Jeder Janotti Junior, discute o papel da produtora de videoclipes KondZilla, pretendendo realçar as dimensões políticas das culturas musicais das periferias brasileiras e suas dinâmicas comunicativas no YouTube. Masculinidades de plástico, próteses de aparelhagem: o nordestino do piseiro na performance pop do forró eletrônico no nordeste contemporâneo, artigo de autoria de Ribamar José de Oliveira Junior e Walisson Araújo, tem como objetivo relacionar a performance de gênero masculina com o tipo regional de nordestino no forró eletrônico do Nordeste contemporâneo, a partir de videoclipes de Biu do Piseiro, Eric Land e Zé Vaqueiro e Anderson e o Vêi da Pisadinha.

Em Devir-trans: atravessamentos corporais, políticos e artísticos na cultura pop, Thiago Tavares Neves e Vyullheney Fernandes de Araújo Lacava pensam a noção de devir-trans como uma categoria para a compreensão da condição do corpo como interface mutável, assumindo os clipes Diaba de Urias e Coytada de Linn da Quebrada como materialidade comunicacional desse devir. “Se me calam é porque minha voz assusta”: política e performance musical a partir do cancelamento de Linn da Quebrada na parada LGBTQ+ de João Pessoa (PB), artigo de autoria de Lívia Maria Pereira, Morena Dias e Mário Rolim, toma o cancelamento do show de Linn da Quebrada como ponto de partida para pensar as diversas formas de política protagonizadas por artistas LGBTQ+.

Na categoria Sexualidades, estão os artigos que mais detidamente trabalham com o aparecimento de questões de sexualidade em diferentes mídias e/ou práticas comunicacionais. No artigo Sapatões e mídia: Apropriações e negociações na saída do armário, a autora Fernanda Nascimento parte dos Estudos Culturais e Queer para analisar práticas de recepção relacionadas aos processos de reconhecimento e de anúncio público de sexualidades dissidentes. Em As telenovelas brasileiras como tecnologias sociais de hipervisibilidade da identidade de gênero e sexualidade, a autora Ana Cláudia da C. Melo parte da compreensão das telenovelas como tecnologias sociais

para pensar como elas, no contexto brasileiro, têm nas questões de sexualidade um dos seus principais suportes. Já o artigo Homossexualidades, publicidade e disputas: Um olhar desconstrucionista sobre o beijo gay em comerciais para a televisão aberta, do autor André Iribure, traz uma análise de conteúdo que, além de avaliar o beijo gay em comerciais para televisão aberta, problematiza as negociações e disputas do texto publicitário no contexto heteronormativo.

Ainda em Sexualidades, o trabalho Parece que o jogo virou – Discursos acerca de identidades LGBTQ em comunidades de jogadores da Activision-Blizzard, escrito por Lucas Goulart e Beatriz Blanco, realiza, inspirado na arqueologia focaultiana, uma análise comparativa dos discursos de jogadores(as) sobre a representação de identidades LGBTQs nos jogos da produtora. Já o trabalho Uma investigação inicial dos tipos de jogos rotulados como LGBT dentro da plataforma Itch.io: Tendências, identidades e protagonismos, de Victor Hugo Da Pieve, Letícia Rodrigues e Luiz Ernesto Merkle, aponta para uma análise do funcionamento de tags na plataforma Itch.io e suas relações com a circulação de jogos etiquetados como LGBT. Por último, em Nem todo fim é trágico: HQs, narrativas homoafetivas e finais felizes, as autoras Natalia Rosa Muniz Sierpinski e Cláudia Lago refletem sobre a construção de narrativas que, ao tematizarem relações amorosas entre mulheres, questionam e fogem do padrão heteronormativo das histórias em quadrinhos.

No grupo de trabalhos “Queer” estão alocados os artigos que propõem diálogos entre a cultura pop e os estudos queer. Em Vozes dos Fins dos Corpos: Materialidades Digitais Vocais e Escutas Queer, Daniel Magalhães de Andrade Lima propõem ferramentas que auxiliam a análise de sonoridades no contexto pop e pontua que as vozes robóticas tendem a alargar as compreensões do que pode ser um corpo, colocando em risco perspectivas normativas. No artigo Da lógica da Propriedade à Lógica da Posse: Apropriações do Pop pelo Audiovisual Queer Brasileiro, Anderson Moreira, utilizando conceitos da tradição teórica antropofágica brasileira, analisa a websérie X-Pocs, o curta-metragem Vando Vulgo Vedita e o filme Batguano. Já Tinta Bruta: A Arte Queer do Fracasso e a Luz dos Vaga-Lumes no Cinema, de Regiane Lorenzetti Collares e Luis Celestino de França Júnior, apresenta uma reflexão sobre o filme Tinta Bruta

(2017), buscando tematizar a partir dele as perspectivas de gênero assentadas em lugares comuns, em estereótipos gloriosos e objetos de identificação.

No grupo de trabalhos intitulado Drag estão as pesquisas que realizam um diálogo entre a cultura pop e as observações e produções sobre drag queens. No artigo de Kauê de Carvalho Xavier e Vitor Souza Lima Blotta, intitulado Drag e quadrinhos: aproximações teóricas e práticas a partir da transgressão e da interseccionalidade, os autores fazem um levantamento bibliográfico sobre a história da arte performática, além de um investimento analítico sobre a presença da figura drag nas histórias em quadrinhos como forma de transgressão, tanto em termos de gênero quanto de narrativa, apontando para questões de raça, classe, gênero e sexualidade nas suas representações. Em “I am ballroom”: Tensões, reiterações e subversões na partilha do sensível da cultura ballroom midiaticizada, de Pedro Scudeller e Thiago Santos, a proposta é discutir as tensões políticas na partilha do sensível acionadas pela cultura ballroom, particularmente aquela midiaticizada na cultura pop por produtos audiovisuais pós-massivos. Em O que é necessário para ser uma drag queen de sucesso? Negociações performáticas e estéticas entre corpos desviantes e o público mainstream, Leonam Casagrande Dalla Vecchia e Gabriel Canecchio Ferreirinho analisam as estratégias acionadas pelo reality show Rupaul's Drag Race na formação de uma cultura drag hegemônica na contemporaneidade, e questionam de que modo estas estratégias se ligam às adotadas por Pablio Vittar para atingir reconhecimento e sucesso entre grandes públicos consumidores, tomando como horizonte teórico os estudos da performance. Por fim, no artigo Viajando em outros ambientes: A produção da drag queen no ambiente virtual, os autores Alexandro Rodrigues e Lívia Rocha Helmer estabelecem um diálogo a partir das produções de duas drag queens na internet, desde o "não-último capítulo" da dissertação “Quem vê close – Não vê corre: Porosidade de um corpo em viagens com Drag Queens”.

Com relação ao grupo de trabalhos Interseccionalidades, encontramos pesquisas que discutem questões da cultura pop especialmente com relação às representações raciais e de gênero nos discursos midiáticos, em grupos juvenis e em audiovisuais. O artigo Strong Black Lead: Discursos sobre a representação negra na campanha da Netflix, de autoria de Bárbara Camirim, busca compreender os potenciais e limitações

para um deslocamento das representações raciais a partir da análise da campanha Strong Black Lead, idealizada por executivos negros da Netflix para estimular as obras e a audiência negra na plataforma. Em Uma adolescente negra protagonista em Hollywood: Análise do filme Jovens Bruxas, de Renan Bulsing dos Santos, encontramos uma detalhada análise do desenvolvimento da protagonista negra do filme Jovens Bruxas, de 1996, onde o autor compara o tempo em cena, a quantidade de falas e consequências sofridas na trama por ela em relação às demais protagonistas brancas. A escrita coletiva de Alice Oliveira de Andrade, Jadeanny Arruda Silva dos Santos e Maria do Socorro Furtado Veloso, intitulada Articulações de gênero e raça no contexto da cultura pop: A experiência de Thelma Regina no BBB20, propõe uma reflexão acerca da presença da mulher negra no BBB20. Centrada na participação de Thelma Regina, os autores tomaram por caminho metodológico uma pesquisa bibliográfica sobre as variáveis raça e gênero, buscando visualizar de que forma se relacionam como categorias de opressão interseccionais. Já no trabalho de Karina Moritzen Barbosa, Minha resistência é minha revolução: Feminismo Interseccional, Branquitude e Riot Grrrl, a pesquisadora analisa as tensões raciais dentro do movimento punk feminista Riot Grrrl, iniciado nos anos 90, através de uma análise de conteúdo de quatro iniciativas contemporâneas ao Riot Grrrl, traçando um paralelo importante entre as teorias do feminismo interseccional e decolonial e o conceito de branquitude. Por fim, o artigo de Mariana Lins, intitulado Música pop, envelhecimento e negociações: Notas sobre a parceria de Gretchen e Katy Perry em "Swish Swish", analisa o processo da participação de Gretchen no videoclipe promocional da canção de Katy Perry, discutindo as implicações de gênero, idadeismo e colonialidade que marcaram o lançamento do vídeo e as consequentes performances resultantes da parceria entre as cantoras.

Por fim, no grupo de trabalhos Estudos de Fãs e Celebidades, temos um encontro de estudos de caso latinos e brasileiros atravessados por questões de gênero que se refletem em práticas de fãs disseminadas em diferentes mídias. O artigo Anitta, #elenão e as cobranças por representatividade e coerência, das autoras Denise Figueiredo Barros do Prado, Lívia Alessandra Campos Monteiro e Rayza Sarmiento, analisa como se deu a cobrança pública por um posicionamento da cantora Anitta

durante a campanha #elenão de 2018 partindo de um diálogo com os estudos de celebridades e a discussão sobre representatividade. Já o trabalho “Vocês têm fogo, vocês têm paixão”: construção e análise sociohistórica do perfil de fãs transnacionais brasileiros, das autoras Aianne Amado e Verlane Santos, busca compreender hábitos de consumo cultural do país através de uma investigação teórica e empírica do consumo engajado de brasileiros por produtos internacionais. Por último, o artigo Música pop, afetos e comunidades emocionais latino-americanas nos EUA em tempos sombrios: A canção Havana de Camila Cabello e os dreamers, de autoria de Igor Lemos Moreira, analisa o papel desempenhado pela canção Havana (ft. Young Thug), da cantora cubana Camila Cabello, como modo de expressão e reafirmação da identidade latina.

REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero**: feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro, 2003: Civilização Brasileira.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I**: A vontade de saber. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1999.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, 20 (2), jul/dez, 1995.